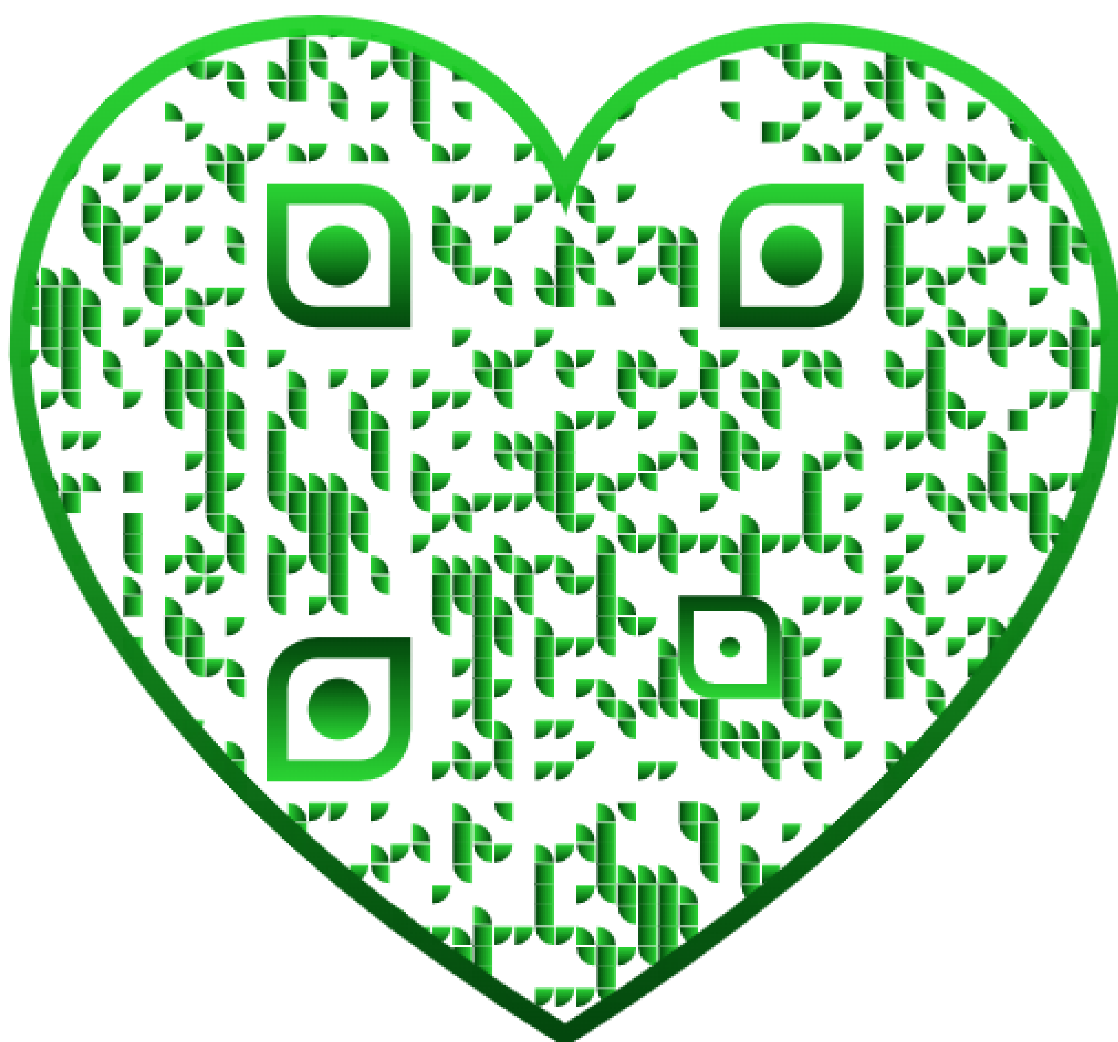
Stormie



Stormie

Uma história de perdão e cura

Traduzido por
Susana Klassen



mundo cristão

SÃO PAULO

Stormie: uma história de perdão e cura
Categoria: Espiritualidade/Inspiração

Copyright © 1986 por Stormie Omartian.
Publicado originalmente por Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, EUA.

Editora responsável: Silvia Justino
Preparação: Tereza Gouveia
Revisão: Theófilo Vieira
Supervisão de produção: Lilian Melo
Colaboração: Miriam de Assis
Capa: H. Guther Faggion
Crédito de imagem: Foto cedida pela Harvest House Publishers

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI) da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Omartian, Stormie

Stormie: uma história de perdão e cura / Stormie Omartian; [traduzido por Susana Klassen]. — São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

Título original: Stormie: A Story of Forgiveness and Healing.
ISBN 978-85-7325-496-9

1. Cura — Aspectos religiosos — Cristianismo 2. Inspiração — Aspectos religiosos — Cristianismo 3. Memórias autobiográficas 4. Omartian, Stormie 5. Perdão — Aspectos religiosos — Cristianismo 6. Testemunhos (Cristianismo) 7. Vida cristã I. Título.

07-7382 CDD-248.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Testemunhos de fé: Autobiografia: Cristianismo 248.5

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127 4147 — Home page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:
- Associação de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em novembro de 2007.

Impresso no Brasil

09 08 07 06 05 04 03 02 01 07 08 09 10 11 12 13 14 15

Este livro é dedicado aos três homens mais importantes de minha vida. O primeiro é meu pai, Dick Sherk, um homem extraordinário. Lamento ter demorado tantos anos para reconhecer esse fato. O segundo é meu marido, Michael, que, com seu apoio e amor inabalável, foi essencial para que pudesse me tornar a pessoa plena que sou hoje. O terceiro é meu querido pastor e pai espiritual, Jack Hayford. Ele me levou a Jesus e, ao longo dos anos, me ensinou a amar a Deus mais e mais a cada dia.



Sumário

Agradecimentos 9
Prefácio especial à edição em português 11
1. De mãos dadas com o mal 13
2. Buscando segurança no casamento 27
3. À beira do abismo 45
4. Lembranças da infância 53
5. Dor crescente 67
6. Ódio perene 81
7. Escolhas mortais 91
8. Minha mãe e a insanidade 105
9. Quem você conhece? 113
10. O libertador 129
11. As chaves 149
12. Seguindo as regras 163
13. Face a face com o abuso 169
14. As recompensas da obediência 185
15. Perdão final 199
16. Restauração total 209
17. Algo de bom 229



Agradecimentos

AGRADEÇO A DIANE KENDRICK, Constance Zachman, Dick e Margo Salsbury, Terry Harriton, Tami Pelikan, Anna Krausse e Andrea Mejia, pela dedicação perseverante como companheiros de oração. Meu desejo é que vocês recebam em sua vida o cêntuplo das bênçãos que me deram pelas orações constantes, mas não quero limitar Deus, pois ele pode ter muito mais do que isso preparado para vocês!

Sou grata a Janet Southwell, minha secretária e amiga, por acreditar neste projeto e mostrar-se disposta a permanecer a meu lado durante a luta para dominar meu processador de texto. Sem você, eu ainda estaria digitando e chorando.

Também sou grata a meu filho Christopher e a minha filha Amanda, por amarem sua mãe imperfeita e demonstrarem seu carinho com tanta freqüência. Pedi ao Senhor que cobrisse meus defeitos e me ajudasse a educá-los, e ele tem respondido. Sou grata pela misericórdia divina e tenho muito orgulho de vocês dois.

Agradeço, ainda, a meus excelentes editores Bill Jensen, Eileen Mason, Al Janssen e Ray Oehm por suas contribuições valiosas e sua dedicação ao providenciarem para que este livro seja tudo o que Deus tem planejado para ele.



Prefácio especial à edição em português

Querida irmã

VOCÊ ESTÁ PRESTES A CONHECER A HISTÓRIA de uma vida marcada pelo resgate e pela restauração de Deus. Ela revela como o Senhor é capaz de livrar-nos da morte e conduzir-nos para uma vida abundante. Quando o conhecemos e aprendemos a viver em seus caminhos, vamos muito além do que podemos imaginar.

Esta é a história de minha luta para superar os danos emocionais causados pelo abuso que sofri quando criança e o desgosto de saber que também possuía dentro de mim o potencial para cometer esse tipo de abuso. Não é minha intenção culpar ninguém por aquilo que aconteceu em meu passado. É fácil demais apontar os erros dos outros, uma vez que todos nós somos falhos. E, pelo fato de nenhum pai ou mãe ser perfeito, é cruel e injusto responsabilizá-los eternamente pelos erros que cometeram.

Meu casamento se aproxima dos 34 anos e nossos filhos estão crescidos. Quando tinha meus vinte anos, porém, nem sonhava chegar aos trinta, que dizer construir uma família maravilhosa. Eu imaginava que acabaria morrendo de um jeito ou de outro. Sabia que, aos poucos, morria interiormente, e não parecia haver meios de impedir o que eu via como inevitável. Não encontrava razão

para viver. Deus, no entanto, salvou-me de todas as formas possíveis. E o melhor de tudo é que ele fará o mesmo a quem se voltar para ele e buscar a vontade dele para sua vida.

Cheguei muito além do que minha esperança podia ousar. Mas isso não significa que minha vida seja perfeita. Continuo a voltar-me para Deus todos os dias, a fim de descobrir a sabedoria e o poder para trilhar os caminhos da vida e superar seus obstáculos. Deus ainda não terminou de realizar sua obra em mim — e por isso dou graças. De alguma forma, no entanto, o Senhor usa as dores do meu passado para ajudar outras mulheres a descobrir que não há cicatriz tão profunda ou desespero tão avassalador de que Deus não possa livrá-la. *Não há nada em sua vida tão esfacelado que ele não possa curar e restaurar, nem erros que ele não possa perdoar*.

Oro para que, à medida que ler este livro, você encontre o Senhor, assim como o encontrei, e que sua vida seja transformada de todas as maneiras possíveis.

Stormie Omartian
Setembro de 2007

1



De mãos dadas com o mal

ACORDEI TARDE. Eram dez horas, e o sol brilhava pelas frestas da persiana. Ao abrir os olhos, senti a cabeça latejar. O ar abafado e meu corpo suado indicavam que o dia já estava quente. Durante as ondas de calor intenso do verão californiano, meu apartamento minúsculo de dois cômodos nunca ficava muito fresco. Não tinha ar-condicionado e era perigoso deixar a janela aberta durante a noite. Com um movimento repentino, sentei-me na cama estreita, mas, gemendo, voltei ao travesseiro. Exausta depois de uma noite de sono tumultuado, sentia-me atordoada demais para me levantar.

Na noite anterior, ao voltar para casa perto da meia-noite, havia encontrado mais uma rosa na maçaneta da porta. Era a décima rosa consecutiva colocada ali depois do anoitecer, e estava começando a me perturbar. A princípio, pareceu um gesto lisonjeiro de um admirador secreto, mas agora estava se tornando algo estranho. Só uma pessoa com uma mente doentia continuaria com esse ritual dia após dia sem se identificar. Há tempos eu vinha sofrendo de insônia e o mistério das rosas não estava ajudando.

Havia trabalhado até tarde na noite anterior gravando mais um episódio do Glen Campbell Show.* Além de ser uma das "beldades

* Programa de auditório apresentado pelo cantor de música *pop* e *country* Glen Campbell na década de 1960. (N. da T.)

loiras, curvilíneas, de olhos azuis" que dançavam no programa todas as semanas, também havia me tornado atriz coadjuvante. Nos segmentos cômicos do *show,* fazia o papel de uma loira burra que contracenava com os convidados de Glen. A adaptação a um temperamento diferente a cada sete dias era um grande desafio. Tinha a impressão de que o tempo para ensaiar nunca era suficiente e sofria de dúvidas crônicas acerca de minha competência. No início, o dia da gravação, que começava antes do anoitecer e varava a noite, havia sido emocionante, mas nos últimos tempos eu só sentia exaustão.

Voltei a me sentar, dessa vez lentamente, reclinando-me até o outro lado da cama para ligar a televisão. Não gostava muito de assistir à televisão, pois temia entorpecer minha mente de forma irreversível. Mas, naquela manhã, sem nenhum motivo óbvio, resolvi ligar o aparelho.

No mesmo instante, a tela foi tomada por um noticiário relatando o esfaqueamento da atriz Sharon Tate e de outras quatro pessoas em Benedict Canyon. O local não ficava longe de onde eu morava! Fui tomada de pavor à medida que o crime hediondo era descrito em detalhes. Não conhecia Sharon Tate e seus amigos pessoalmente, mas sabia quem eles eram.

Hollywood era uma cidade pequena. Eles moravam perto de meu apartamento e eu passava com freqüência pela vizinhança onde os crimes haviam ocorrido. Aqueles assassinatos teriam apavorado qualquer um, mas comecei a sentir algo além de pavor. A sensação dentro de mim estava se transformando em terror paralisante.

O problema era que Sharon Tate havia sido esfaqueada! Sempre tive um medo irracional de facas. Desde que me conhecia por gente, era assombrada por pesadelos recorrentes em que era

esfaqueada repetidamente. Só de pensar em facas eu ficava congelada de medo.

A campainha do telefone desvencilhou-me por alguns momentos do terror que até então havia me mantido presa ao noticiário. “Você viu o que aconteceu com a Sharon Tate e os outros?”, perguntou uma amiga do outro lado da linha. Recebi vários telefones desse tipo ao longo do dia. Ninguém conseguia acreditar no que havia acontecido nem entendia o motivo. Os crimes pareciam completamente despropositados.

Naquela noite, fui a um restaurante com alguns amigos, e a conversa girou em torno dos assassinatos do dia anterior. Chegamos à conclusão de que a onda de calor estava fazendo as pessoas perder o juízo e que as drogas psicodélicas, cada vez mais comuns nos anos 1960, estavam provocando uma espécie de loucura perversa que se infiltrava por toda parte.

Quando voltei para meu apartamento por volta das onze horas da noite, havia outra rosa sobre a maçaneta da porta. Estremeci ao perceber, de repente, um padrão naquele ritual insano. As primeiras rosas haviam sido apenas pequenos botões. Com o passar das noites, tinham se tornado maiores e, agora, estavam começando a se abrir. Imaginei o que aconteceria quando as flores colocadas ali estivessem completamente abertas. Mais que depressa, entrei no apartamento, tranquei a porta e, ainda assustada, fui para a cama.

Na manhã seguinte, liguei a televisão assim que acordei para ver se havia alguma notícia sobre o caso de Sharon Tate. O desejo de entender o que havia acontecido e o motivo daquele crime faziam minha mente arder de frustração e perguntas não respondidas. Para meu desespero, outros dois esfaqueamentos haviam ocorrido naquela noite. Um casal de sobrenome LaBianca havia sido

assassinado. Os detalhes eram semelhantes ao do caso de Sharon Tate, e a polícia suspeitava que os crimes tivessem sido cometidos pela mesma pessoa.

O medo espalhou-se por toda a cidade. Os ricos colocaram cercas, alarmes e cães de guarda ao redor de suas casas. Os pobres começaram a trancar janelas e portas e não abri-las para ninguém. Rick, meu namorado, estava viajando, e eu não conseguia ficar sozinha. Meu apartamento era pequeno demais para convidar alguém para ficar comigo, e eu precisava desesperadamente de companhia. Assim, naquela noite, saí com meus amigos outra vez.

Quando voltei para casa por volta das duas horas da manhã, havia outra rosa na maçaneta. A flor estava começando a desabrochar. Joguei-a fora e entrei rapidamente, trancando todas as fechaduras da porta.

Enquanto me aprontava para dormir, minha mente repassava os detalhes macabros do esfaqueamento de Sharon Tate. Ela era uma jovem bonita e rica que estava grávida de nove meses e vivia numa casa com alarmes e uma cerca eletrificada. Estava completamente protegida e, ao mesmo tempo, completamente vulnerável. Ao contrário do que alguns repórteres haviam insinuado, ela e os outros que haviam sido assassinados não eram o tipo de pessoa que se envolvia com ocultismo. No entanto, também não eram o tipo de pessoa que alguém esperaria encontrar morta a facadas. Se o lar de Sharon Tate havia sido invadido daquela forma, com que proteção eu podia contar? E as facas... Eu não podia sequer pensar nas facas.

Outra coisa me incomodava: algo relacionado ao *espírito* daquilo que havia acontecido não me era estranho. Era como deparar com uma pessoa conhecida sem saber exatamente onde havíamos nos encontrado antes.

Meu envolvimento com o ocultismo não era recente. Havia começado com um tabuleiro de Ouija* e horóscopos. Depois, tinha mergulhado de cabeça em projeções astrais e sessões espíritas de invocação dos mortos. Era tão fascinada por numerologia que pensei em mudar meu nome quando fiquei sabendo que, se a soma das letras de um nome resultasse em certo total, a pessoa podia tornar-se bem-sucedida, bela e realizada. No entanto, também ouvi falar de uma jovem atriz que havia pagado uma numeróloga para criar um nome para ela. Depois de adotar legalmente o novo nome, a moça havia se mudado para Nova York, a fim de começar sua vida de sucesso e ninguém nunca mais tinha ouvido falar dela. Não queria que uma numeróloga me condenasse à obscuridade, de modo que decidi procurar outros caminhos.

Seguindo a moda no mundo do entretenimento, comecei a participar de cursos de hipnose. Entrava com freqüência num estado de transe e dizia para mim mesma coisas que eu queria ouvir como, por exemplo: "Stormie, você é uma pessoa linda, bem-sucedida e maravilhosa". Mas, como todas as outras coisas que havia tentado antes, a hipnose só me ajudava por algum tempo e acabava me deixando pior do que antes.

Depois, me dediquei à Ciência da Mente. Parecia perfeitamente lógico crer que não existia nenhum mal no mundo exceto aquele que se encontrava na mente de cada pessoa. E, se você conseguisse controlar a mente, também poderia controlar o número de experiências negativas que teria. Comprei todos os livros que tratavam desse assunto e li todos eles do começo ao fim. Passei a me reunir

* Tabuleiro com as palavras *Sim*, *Não* e *Talvez* e as letras do alfabeto. É acompanhado de uma espécie de seta indicativa que, segundo a crença dos adeptos dessa prática, mostra no tabuleiro palavras e mensagens transmitidas por espíritos.

com outros adeptos da Ciência da Mente, o que não foi difícil, tendo em vista que também era moda nos meios do *showbiz* em Hollywood, em especial entre as atrizes. Infelizmente, a ajuda pela qual eu tanto ansiava foi apenas temporária.

Envolvia-me com qualquer coisa que me dizia que eu tinha algum valor e que podia haver uma vida futura sem dor. Visitava médiuns com freqüência na esperança de que me dissessem algo de bom. Quando diziam, eu ficava extasiada. Do contrário, entrava em desespero. Minha vida era cheia de altos e baixos, inteiramente desequilibrada.

Ao me dedicar às religiões orientais, comecei a meditar diariamente. No entanto, o Deus que eu buscava com tanta diligência era distante e frio, e a paz se me escapava por entre os dedos. Certa vez, quando estava no meio de uma sessão de meditação, abri os olhos e descobri que podia ver meu corpo deitado no sofá do outro lado da sala. Era a experiência fora do corpo sobre a qual eu havia lido e que tinha desejado alcançar, mas ela não trouxe a tão esperada "união com o universo". Pelo contrário, o que senti foi medo. Quanto mais eu me envolvia, mais eu via coisas estranhas — seres e formas esquisitas pairando diante de meus olhos. Eu não entendia o que estava acontecendo nem sabia o motivo de tudo aquilo.

Apesar dos aspectos assustadores do ocultismo, sentia-me irresistivelmente atraída por suas práticas. Sabia que existia um mundo espiritual real, pois o havia visto. E os livros prometiam que ao continuar usando esses métodos, eu encontraria Deus e a paz eterna. Por que, em meu caso, os efeitos pareciam ser opostos? No entanto, eu persistia em minha busca, pois ansiava desesperadamente por algo que pudesse preencher o vazio dentro de mim, amenizar a dor emocional intensa e constante que eu sentia e acalmar o medo irracional que ameaçava controlar minha mente.

Estava certa de que havia uma resposta para mim, e eu a encontraria.

Algo em minhas práticas de ocultismo me fez lembrar o assassinato de Sharon Tate. Mesmo sabendo que não era o caso, me parecia que, de algum modo, estava associada ao que havia acontecido. Lembrei-me do ditado: "Sempre reconhecemos aqueles que são iguais a nós", e percebi que os acontecimentos estavam próximos demais de minha realidade. Meu medo era que, se continuasse a percorrer aquele caminho, o que havia acontecido a Sharon Tate também aconteceria comigo. E, no entanto, me senti incapaz de deter as forças que me impeliam.

"Não posso mais pensar nisso", disse para mim mesma enquanto vestia uma camisola leve e ia até o banheiro lavar o rosto. Acendi a luz e, para meu desespero, me vi cercada por centenas de baratas enormes correndo por toda parte no piso do banheiro. Fazia mais de um ano que morava naquele apartamento e nunca havia visto uma única barata.

Corri para a cozinha, peguei uma lata de veneno e pulverizei o banheiro sem dó nem piedade até matar todos os insetos. Não podia suportar a idéia de dormir enquanto ainda houvesse uma barata andando ali e só parei quando não vi mais nenhum sinal de vida. A essa altura, o ar do apartamento minúsculo estava saturado de veneno. Sabia que não poderia passar muito tempo trancada ali, respirando aqueles gases tóxicos, mas às duas horas da manhã era impossível procurar outro lugar para ficar. Abri a janela do banheiro o máximo possível para tentar arejá-lo e dissipar o veneno dos outros ambientes.

Fui até o armário que ficava logo ao lado do banheiro e comecei a pendurar as roupas que havia jogado lá dentro. Ao colocar a última peça no cabide, ouvi pela janela aberta um barulho de folhas

se mexendo. Meu conjunto residencial ficava numa região de colinas cercadas de árvores e arbustos, onde era comum encontrar pequenos animais.

Parei o que estava fazendo e tentei ouvir melhor. Percebi que o ruído estava mais próximo e não lembrava o movimento de algum animal, mas sim os passos de uma pessoa. Entrei em pânico quando vi o que me pareceu uma mão segurando no batente da janela. Uma vez que não tinha onde me esconder, gritei com todas as minhas forças e corri em direção à porta da frente. Lembranças dos casos de Sharon Tate, dos LaBianca e imagens de facas ensangüentadas passavam-me em rápida sucessão pela mente. Os apartamentos ficavam situados na encosta de uma colina e eram separados uns dos outros por arbustos e árvores formando um padrão quadriculado. Seria perigoso demais tentar correr para outro apartamento, especialmente se não encontrasse ninguém em casa. Assim que atravessei a porta, parei de gritar e me escondi no meio de alguns arbustos mais densos.

Prendi a respiração tanto quanto pude e senti o coração querendo sair pela garganta. Fiquei imóvel por algum tempo, talvez quase um minuto. Então, ouvi mais movimentos, dessa vez no telhado do apartamento perto de onde eu estava escondida que ficava acima do meu, junto à encosta da colina. Uma pessoa que estivesse na rua que passava ao lado não teria dificuldade em subir no telhado. Espiei pelas folhas dos arbustos e vi o vulto de um homem andando com cuidado. Movia uma lanterna de um lado para o outro no chão logo à frente de mim. Vi outro vulto atrás dele e, apesar de a luz das lanternas me impedir de enxergar claramente, me pareceu que os dois estavam vestidos de preto. Um deles gritou em minha direção.

— Tem alguém aí embaixo?

Não respondi.

Gritou novamente, dessa vez com mais convicção. Prendi a respiração. Da terceira vez que ele gritou, virou-se de tal maneira que vi de relance uma arma num coldre e o que me pareceu o quepe de um policial. Respondi:

— Estou aqui embaixo. Quem são vocês?

— Somos da polícia. Venha para cá onde possamos vê-la melhor.

— Graças a Deus! — exclamei enquanto saía lentamente de meu esconderijo. — Alguém tentou entrar pela janela do meu banheiro. Eu gritei, corri para fora e me escondi aqui nos arbustos.

— Estávamos fazendo a ronda aqui na vizinhança e ouvimos os gritos de dentro da viatura. Fique aqui. Nós vamos olhar os fundos e ver se encontramos alguma coisa.

Estava aliviada por eles terem aparecido num momento tão providencial, mas não queria ficar sozinha. Escondi-me novamente nos arbustos enquanto eles faziam a busca. Voltaram pouco tempo depois e me informaram que não havia mais ninguém por lá. Meus gritos provavelmente haviam afugentado a pessoa que eu tinha ouvido.

Os guardas acompanharam-me até meu apartamento e fizeram uma busca minuciosa para se certificar de que não havia ninguém lá dentro. O apartamento era tão pequeno que não devem ter levado mais de trinta segundos para olhar na cozinha, debaixo da cama que ficava na sala, dentro do armário e do boxe do chuveiro. Não havia mais onde procurar. Em outras circunstâncias, eles poderiam ter imaginado que não passava de um ladrãozinho qualquer, mas por causa do caso de Sharon Tate e dos LaBianca, pude perceber que estavam levando aquela ocorrência a sério. Meu maior desejo era que eles não fossem embora, pois eu ainda estava com medo. Em vez disso, porém, agradeci-lhes várias vezes, desejei-lhes boa-noite e tranquei

a porta da frente e a janela do banheiro. Foi só depois de eles terem ido embora que me dei conta de que, em meio a todo o meu pânico, havia esquecido de lhes falar sobre as rosas na porta.

Fui deitar, mas não consegui pegar no sono. Cada vez que ouvia algum ruído, meu corpo ficava rígido e meu coração disparava. O calor tornava quase impossível respirar e não conseguia dormir.

No dia seguinte, Rick, meu namorado, telefonou. Havia voltado de uma longa turnê com sua banda. Antes de começar a namorar, nós dois havíamos cantado juntos no mesmo grupo vários anos. Contei-lhe tudo o que havia acontecido na noite anterior, falei das rosas e, é claro, dos assassinatos.

Saímos juntos naquela noite e, no caminho de volta para casa, passamos de carro pelo cânion perto da casa de Sharon Tate. Ficava no caminho entre Beverly Hills e meu apartamento, e passávamos lá com freqüência. A estrada estava deserta e parecia mais escura do que de costume. Senti o pavor subindo por minhas costas, penetrando meu peito e chegando até a garganta, me levando à beira de uma convulsão. O medo era tão intenso que, se naquele momento alguém tivesse me tocado, certamente meu coração teria parado de bater. Tentei desesperadamente me controlar para que Rick não percebesse o que estava acontecendo dentro de mim. Era importante manter sempre a aparência de que eu estava no controle.

Rick acompanhou-me pela escadaria longa e sinuosa que levava até minha porta onde, sobre a maçaneta, havia mais uma rosa. Ele pegou a flor e vi que as pétalas vermelhas e aveludadas estavam se abrindo.

— Stormie! — uma voz feminina penetrou o silêncio intenso. Era minha amiga Holly, que morava num apartamento mais adiante. Também estava entrando em casa com o namorado.

Peguei a rosa e corri pelas escadas.

— Olha isso! Mais uma rosa! Estão cada vez mais abertas. E se a pessoa que está deixando essas flores aqui também estiver planejando fazer algo terrível?

Holly também estava preocupada. No começo, pouco mais de uma semana antes, havíamos nos divertido e rido com a história das rosas. Mas agora havia perdido a graça.

— Eu tenho uma idéia — disse Holly. — Amanhã à noite podemos ficar de tocaia no meio dos arbustos e descobrir quem está fazendo isso.

— Você está falando sério? — perguntei sem conseguir esconder o medo na voz.

— Não se preocupe, ele não vai nos ver. Pelos nossos cálculos, ele vem por volta das dez da noite, não é? Então podemos nos encontrar aqui às nove.

Rick e o namorado de Holly concordaram em ficar de tocaia conosco.

No horário combinado, nos escondemos em quatro lugares estratégicos nos arbustos ao redor de meu apartamento. O "homem das rosas" teria de passar por pelo menos um de nós para chegar até minha porta.

Esperamos e esperamos, e ninguém apareceu.

Permanecemos em silêncio, exceto por uma conversa rápida por volta das onze horas para decidir se devíamos esperar só até meia-noite ou continuar. Passou da meia-noite, e ninguém veio. Por fim, cansados e doloridos de ficar agachados tanto tempo, acabamos desistindo.

Holly foi para casa com o namorado, e Rick acompanhou-me até meu apartamento, de onde saiu por volta de meia-noite e meia. Preparei-me para deitar e fui até a porta da frente para me certificar de que estava bem trancada. Ao abrir a porta com a intenção

de batê-la com força para travá-la, uma linda rosa carmesim quase inteiramente aberta caiu junto a meu pé.

Por um momento, perdi o fôlego e senti o coração gelar. Bati a porta rapidamente, enquanto minha mente trabalhava sem parar. Até então, as rosas sempre tinham sido colocadas por volta das dez da noite, não à uma hora da manhã. A única explicação é que alguém estava me observando. Sabia que havíamos ficado de tocaia nos arbustos e que Rick estava em meu apartamento e também o havia visto ir embora.

Mais que depressa, liguei para Rick. Ele havia acabado de chegar em casa e, depois de ouvir meu relato, comentou que, a julgar pelos fatos, o "homem das rosas" era alguém de meu condomínio.

Liguei para Holly e ela sugeriu que, pela manhã, fôssemos de porta em porta contando para nossos vizinhos sobre as rosas e sobre a tentativa de entrar em meu apartamento e fizéssemos algumas perguntas. Talvez alguém tivesse visto ou ouvido alguma coisa.

No dia seguinte, passamos por todos os apartamentos. *Ninguém* havia me ouvido gritar duas noites antes, apesar de dois policiais que estavam passando com a viatura terem afirmado que haviam me escutado de dentro do carro. Ninguém havia visto alguma pessoa suspeita. Mas é claro que nos avisariam se vissem alguém.

O morador do último apartamento pelo qual passamos era um homem robusto de bigode escuro. Seu nome era Leo. Tinha vinte e poucos anos e aspirava à carreira de ator como todos os outros homens naquela cidade. Havíamos conversado rapidamente algumas vezes, sendo que em todas essas ocasiões ele havia me convidado para sair. Expliquei repetidamente que estava namorando firme com alguém, e as coisas ficaram por isso mesmo. Sempre procurei ser educada com esse vizinho, porém mantinha certa distância dele, pois percebia algo de estranho nele.

Quando lhe perguntamos sobre os acontecimentos das noites anteriores, Leo disse que havia ouvido os gritos. Sua resposta não fazia sentido, pois outras pessoas que estavam em casa na noite em que alguém havia tentado entrar, e que moravam mais perto de meu apartamento, *não* haviam me ouvido gritar. O que me espantou mais ainda foi ele ter ouvido, mas não ter se dado ao trabalho de ver o que estava acontecendo. Mencionei as rosas, e ele disse que não havia visto ninguém suspeito.

Comentei que eu estava preocupada, pois uma pessoa que deixa uma rosa na maçaneta de alguém quatorze dias seguidos sem se identificar deve ser um tipo estranho com uma mente doentia. Quando eu disse essas últimas palavras, o rosto de Leo fechou-se e vi algo mudar em seu olhar. Foi extremamente sutil e durou apenas um momento, mas foi exatamente a expressão que eu esperaria ver em seu rosto se tivesse falado isso a respeito *dele*. Naquele mesmo instante, tive certeza de que *era* ele. Eu o havia magoado com minhas palavras e agora estava ainda mais assustada. Holly e eu agradecemos educadamente e saímos, apressadas.

Não podia continuar morando lá, de modo que tomei providências para me mudar de imediato. Encontrei um lugar longe daquela vizinhança e, no dia seguinte, saí discretamente antes de amanhecer. Juntei meus poucos pertences e parti sem deixar o novo endereço.

As primeiras noites no novo apartamento foram tensas e insones, pois temia que o "homem das rosas" tivesse me seguido e descoberto onde eu estava morando. Os assassinos dos casos Sharon Tate e LaBianca continuavam à solta e o "homem das rosas" também.

Nunca mais encontrei rosas na porta e nada aconteceu, mas o medo não me deixou.